

A SUBJETIVIDADE NO DISCURSO: UM ESTUDO DISCURSIVO DE UMA NARRATIVA NO PROGRAMA DE FÁBIO PORCHAT

Renise Geller¹
Saulo Gomes Thimóteo²

INTRODUÇÃO

Neste projeto, pretende-se investigar a construção de sentido e da subjetividade em narrativas orais, tomando como objeto de análise histórias contadas por participantes e apresentador do programa de televisão *Que História É Essa, Porchat?*, exibido no canal GNT. O estudo busca analisar histórias contadas no programa, dentre elas a história de uma participante no primeiro episódio da sétima temporada do programa, focalizando a forma como os discursos são construídos e transmitidos, bem como o modo pelo qual os elementos linguísticos presentes na narrativa contribuem para a produção de sentidos e para a manifestação das subjetividades do narrador e dos ouvintes. Pretende-se analisar estas questões à luz das contribuições teóricas de Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin.

A pesquisa buscará responder como o discurso é construído e transmitido na história contada e de que maneira os elementos linguísticos utilizados expressam a subjetividade e contribuem para a produção de sentidos na narrativa.

Como hipótese, parte-se do pressuposto de que a linguagem empregada na narrativa não apenas comunica informações, mas também expressa subjetividades e constrói sentidos de forma dialógica e interativa. Nesse processo, as escolhas linguísticas do narrador refletem experiências pessoais, valores e marcas subjetivas, ao mesmo tempo em que mobilizam a interpretação e a resignificação por parte dos ouvintes.

Tendo em vista a isto, objetiva-se no projeto analisar como o sentido da linguagem e sua subjetividade é construído na narrativa de histórias contadas, buscando a compreensão de como os elementos linguísticos utilizados, contribuem para a expressão da subjetividade e a produção de sentidos da história. O presente estudo fundamenta-se na relevância de compreender como a linguagem, em contextos de narrativa oral, revela marcas subjetivas e produz sentidos por meio da interação entre narrador e ouvintes. O programa selecionado constitui um espaço autêntico de interação discursiva, no qual é possível observar a materialização dos conceitos de enunciado, dialogismo e narrativa. Além disso, a pesquisa é viável em razão da disponibilidade do material em plataformas digitais, contribuindo para o aprofundamento dos estudos linguísticos sobre linguagem, subjetividade e discurso.

1 METODOLOGIA

¹ Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) – Pós-Graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Chapecó. renise-geller@unoesc.edu.br

² Orientador. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) – Pós-Graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Chapecó. saulo.thimoteo@uffs.edu.br

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo, com base interpretativa e exploratória, fundamentado nos pressupostos da Análise de Discursos, com enfoque principal na perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin e nos estudos sobre a narrativa de Walter Benjamin. Objetiva-se compreender como o discurso constrói sentidos e expressa a subjetividade do sujeito, a partir da análise de discursos/histórias contadas em um programa de televisão.

Além do referencial bakhtiniano, esta pesquisa dialoga também com contribuições de Walter Benjamin acerca da narrativa e da transmissão de experiências. O objeto de análise deste estudo será uma história contada por uma participante no programa *Que História É Essa, Porchat?*, exibido no canal GNT. Na narrativa, a participante relata que, durante seu tratamento contra o câncer, recebeu de seu médico a orientação para buscar um tratamento terapêutico complementar. Como referência para encontrar o local, o médico informou que ela deveria procurar uma "casa colorida", onde seu horário já estaria agendado. Ao chegar na rua indicada, a participante associou a descrição à uma casa rosa e entrou no local acreditando estar no endereço correto. No entanto, tratava-se de uma casa de massagem tântrica. A narradora relata que, durante o atendimento, não compreendia os motivos que levaram seu médico a encaminhá-la para aquele local. Após sair do estabelecimento, entrou em contato com ele para questionar a indicação recebida. Nesse momento, o médico esclareceu que a referência à "casa colorida" não dizia respeito à casa rosa, mas sim à uma casa vermelha localizada em frente ao estabelecimento, onde funcionava um serviço de acupuntura, local para o qual ela deveria ter se dirigido.

A partir desta narrativa, pretende-se observar como o discurso é construído e transmitido, considerando a forma como os acontecimentos são organizados e narrados, os sentidos produzidos ao longo da história e os elementos discursivos que evidenciam a subjetividade do narrador. Busca-se compreender de que maneira a experiência vivida é transformada em narrativa e compartilhada com os ouvintes, possibilitando diferentes interpretações e produzindo efeitos de sentido que emergem da interação entre narrador e público.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os diferentes domínios da atividade humana estão intrinsecamente ligados ao uso da Linguagem, é a partir dela que podemos comunicar, fazer pensar, expressar aquilo que há de forma íntima e até influenciar mudanças e rumos. A linguagem consiste no princípio orientado para a comunicação de algum conteúdo, a linguagem não é responsável apenas a todos os domínios das manifestações do espírito humano, pela linguagem ela abarca toda a totalidade do ser, toda subjetividade é transmitida na linguagem (Benjamin, 1915-1921).

Para Bakhtin a manifestação da língua se efetua por meio de enunciados, tanto orais como escritos, sendo eles concretos e únicos. Estas expressões refletem condições específicas e finalidades de cada dimensão humana, através ou pela seleção de recursos lexicais fazendo a escolha do uso de palavras utilizadas, fraseológicos com uso de expressões ou colocações comumente a cultura do orador e gramaticais, relacionadas a estrutura da língua. mas, acima de tudo, por sua construção composicional. O conteúdo, o estilo e a composição estão intrinsecamente ligados ao enunciado como um todo, e são determinados pela especificidade de cada um determinando o campo da comunicação, cada conteúdo

pronunciado é único, subjetivo, porém cada campo de utilização da língua cria seus tipos relativamente estáveis de enunciados (Bakhtin, 1997, p. 289). No programa as histórias contadas pelos participantes podem ser compreendidas como um gênero discursivo, pois apresentam conteúdo temático, estilo e construção composicional próprios. Na narrativa analisada, esses elementos manifestam-se no relato de uma experiência vivida, na oralidade e no humor presentes no discurso, bem como na forma como os acontecimentos são organizados e transmitidos ao público, produzindo diferentes sentidos na interação entre narrador e ouvintes.

O enunciado, para Bakhtin, é compreendido como unidade da comunicação e possui natureza social e ideológica, estando sempre vinculado ao contexto em que é produzido. Dessa forma, a linguagem é atravessada pelas relações sociais e pelos sentidos construídos historicamente pelos sujeitos (Bakhtin, 2006).

A língua presume a necessidade que o indivíduo possui em se expressar e de externalizar, a linguagem é considerada como um ponto de vista do locutor, já o enunciado satisfaz o conteúdo do pensamento e do próprio discurso. Para a língua o que necessita é do locutor e o objeto do seu discurso, ela é apenas uma função acessória para servir de meio de comunicação, ela por si não toca a essência. Após o locutor no grande processo de comunicação, persiste a função de ouvinte e/ou receptor, o ouvinte que recebe e compreende a significação linguística de um discurso e adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa, o ouvinte concorda e/ou discorda, completa o discurso, adapta, traz apontamentos, o ouvinte está a todo instante elaborando durante o processo de ouvir e de compreender o enunciado, a compreensão de uma fala viva está sempre acompanhada da atitude responsiva do ouvinte. A compreensão responsiva ativa daquilo que foi ouvido pode realizar-se de forma direta como um ato ou pode permanecer por um período, em algum momento o conteúdo ouvido e compreendido de forma ativa encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte (Bakhtin, 1997, p. 295).

Todo enunciado fazendo parte de um processo de comunicação é elemento de diálogo, neste sentido para o autor o procedimento dos linguistas é o mesmo que dos filólogos, a ideia sempre reiterada de que o corpus (prática reducionista que tende a “reificar” a linguagem) leva ao descritivismo abstrato e faz do signo um sinal.

Bakhtin evidencia a inadequação de todos os procedimentos de análise linguística (fonética, morfológicos e sintáticos) para darem conta de um enunciado completo.

O enunciado é em sua clareza e simplicidade uma clássica conversa entre sujeitos, cada enunciado, cada réplica possui uma especificidade que expressa a posição do locutor, que é organizada nas palavras utilizadas pelo locutor a forma perfeita para a anunciação de todos sentidos atribuídos. A expressividade na palavra é de ordem impessoal, neste sentido, a palavra escolhida na narrativa, que vieram de enunciados individuais de outro discurso pode ter preservado a entonação a ressonância o conhecimento e sentido do enunciado ouvido.

Bakhtin em sua obra traz que as palavras da língua não são de ninguém, mas são ouvidas em forma de enunciado individual, como produções discursivas individuais elas possuem expressividade; e seus significados lexicográficos das palavras garantem a utilização e a compreensão de todos, porém a utilização da palavra na comunicação verbal ativa é marcada pela individualidade, pois a utilização de uma palavra, na medida em que é utilizada pelo locutor em uma

determinada situação com intenção discursiva, se impregnou na expressividade singular e única de quem profere o enunciado. (Bakhtin, 1997).

Para Bakhtin, o enunciado expressa a posição do locutor e carrega marcas de sua subjetividade. Nesse sentido, as escolhas linguísticas realizadas pela participante ao narrar sua experiência no programa permitem observar como sentidos, valores e experiências são organizados e transmitidos ao público por meio do discurso (Bakhtin, 1997).

A palavra é expressiva, carregada de sentido, mas este sentido não pertence à própria palavra, ela passa a existir no ponto de contato entre a palavra e a compreensão locutor, nas circunstâncias de uma situação vivida, e que vai se atualizando no enunciado individual. A palavra expressa o juízo de valor do locutor e se apresenta como aglomerado de enunciados.

Portanto a experiência verbal do indivíduo toma forma, evolui e se altera sobre o efeito da interação com os enunciados dos outros, é um processo que partilha da assimilação, as vezes criativa, das palavras do outro, os enunciados estão carregados de palavras dos outros sujeitos, caracterizadas em diferentes graus por um emprego consciente, as palavras ouvidas introduzem sua própria expressividade, ao ouvir elas ocorre a assimilação, reestruturação e modificação do sentido a partir de todos enunciados recebidos e compreendidos pelo indivíduo anteriormente. (Bakhtin, 1997). Nesse sentido, a narrativa analisada permite observar como a participante atribui sentidos aos acontecimentos vividos e os reconstrói discursivamente ao compartilhá-los com o público. As escolhas linguísticas realizadas ao longo da narrativa revelam sua forma particular de compreender e significar a experiência narrada.

Benjamin traz a compreensão que para Bakhtin é o enunciado, como sendo a história do narrador, para o autor, o que é transmitido, o narrado chega muitas vezes carregada de explicações, como se o locutor passasse o sentido próprio para o outro sobre seu discurso, e deste modo a história vem ao outro acompanhada de explicação como um serviço de informação. Sendo o extraordinário e o miraculoso narrados o contexto psicológico da ação não consegue ser imposta ao outro, deste modo o ouvinte é livre para interpretar a história da forma que lhe faz sentido, e deste modo a história narrada alcança uma amplitude que não cabe na informação, permitido ao sujeito a compreensão singular da história. (Benjamin, 1987, p. 203).

A narrativa como enunciado pode ser também como uma forma artesanal de comunicação, ela não tem o interesse em transmitir ao outro o “puro em si” daquilo que foi enunciado como uma informação ou um relatório, mas ela tem interesse em mergulhar a coisa na vida do narrador, carregando consigo também as marcas do narrador. (Benjamin, 1987, p. 205).

3 ANÁLISE

O material discursivo foi interpretado a partir das categorias de análise do discurso propostas por Bakhtin, especialmente o conceito de enunciado como unidade discursiva concreta, expressiva e responsiva. Os elementos sugeridos permitirão compreender como a linguagem, enquanto forma de expressão subjetiva, se realiza no discurso oral das histórias contadas por participantes. Sendo observados então:

a) A forma como a narrativa é estruturada em termos de organização interna, sequência dos eventos, desenvolvimento temático e encerramento.



III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELLI

13 e 14 de maio de 2026

b) As escolhas linguísticas do narrador, como vocabulário, expressões, entonações, repetições e metáforas, entre outros recursos que constroem a expressividade do discurso. Esses elementos serão examinados enquanto instrumentos de construção de sentidos e marcas de subjetividade

c) A interação entre narrador e plateia, como o narrador se relaciona com o ouvinte durante o ato de narrar. Isso envolve observar os efeitos de sentido gerados pela resposta (verbal ou não verbal) da plateia, bem como o modo como o narrador antecipa, convoca ou responde ao público.

d) Como o sujeito se apresenta no discurso por meio das escolhas linguísticas que revelam valores, crenças, experiências e afetividades. Assim a subjetividade será entendida, como parte fundamental do enunciado.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou compreender como a linguagem, por meio do discurso oral, constrói sentidos e expressa a subjetividade do sujeito. Com base nos estudos de Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin, entende-se que a narrativa não se limita à transmissão de informações, mas constitui um espaço em que experiências, valores e sentidos do narrador se manifestam e produzem efeitos de sentido no ouvinte. A análise das histórias contadas no programa *Que História É Essa, Porchat?* permitiu observar como os elementos linguísticos, a organização da narrativa e a interação com a plateia revelam marcas subjetivas e evidenciam o caráter dialógico da linguagem.

Os resultados demonstram que a relação entre linguagem e subjetividade se manifesta no discurso por meio das vivências e dos significados singulares do sujeito que enuncia. Além disso, a pesquisa evidenciou que a produção de sentidos ocorre de forma interativa, envolvendo narrador e ouvinte em um processo contínuo de interpretação, compreensão e resignificação. Dessa forma, o estudo contribui para os estudos linguísticos ao aprofundar a compreensão da narrativa oral como espaço de expressão subjetiva e de construção de sentidos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. Vol. I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem** (1915-1921). Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2011.



III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELI

13 e 14 de maio de 2026